

## A INTERPELAÇÃO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PARA A TEOLOGIA

Faustino Teixeira - Brasil

### Introdução

Torna-se difícil falar em diálogo inter-religioso tendo em vista a realidade de violência que pontua o cenário contemporâneo. São inúmeros os conflitos hoje existentes que trazem a marca ou o condicionamento das religiões. Vivemos tempos de acirramento das identidades e de radicalização etnocêntrica. O horizonte do pluralismo cultural e religioso nem sempre é acolhido na sua positividade. O pluralismo provoca uma crise nas estruturas de plausibilidade que asseguram o *nomos* das identidades singulares e das comunidades de sentido. Sua incidência sobre os sistemas de crença suscita insegurança intelectual e afetiva, na medida em que rompe os diques de proteção territorial e convoca ao alargamento das fronteiras. O receio da relativização e da dessubstancialização dos conteúdos religiosos aciona o desejo de mais segurança, de estabilidade e fundamentação, provocando, assim, reações defensivas e/ou ofensivas contra o universo da alteridade.

É verdade que nesse processo de reação cognitiva e prática contra a alteridade, presente nos diversos conflitos atuais, as religiões tiveram e continuam tendo um lugar particular. As religiões, de fato, são marcadas por ambigüidades. O processo histórico mostrou com evidência que as religiões ativaram muitas vezes violências, mas em outros casos favoreceram o crescimento, a generosidade e a convivialidade entre os seres humanos. Seria equivocado identificar simplesmente a violência como parte substancial e integrante da experiência religiosa. A intolerância não pertence à natureza da religião, mas traduz sua desfiguração ou abuso prático e teórico. As desumanidades que ocorrem "em nome" da religião relacionam-se a "pressupostos estranhos à religião", que acabam por atrair o "dinamismo mais profundo da relação com o Absoluto". A verdadeira relação com o Absoluto, como assinala o teólogo Edward Schillebeeckx, é incompatível com toda e qualquer desumanização e violência. Ao contrário, "desperta a coragem inabalável para produzir mais humanidade em todos os setores da vida"<sup>2</sup>.

Neste limiar do terceiro milênio, o diálogo inter-religioso aparece como um dos desafios mais fundamentais para a humanidade. O futuro feliz da humanidade está certamente condicionado aos caminhos de convivialidade inter-religiosa em favor da paz entre as nações. As tradições religiosas estão colocadas diante de uma dupla opção: ou a recusa do engajamento discursivo e da comunicação amorosa ou a abertura dialogal.

### 1. A emergência de uma nova sensibilidade macroecumênica

Apesar da presença crescente da dinâmica de exclusão e violência, constata-se o crescimento de uma nova sensibilidade: a nova consciência da unidade da família humana, a abertura ao mútuo enriquecimento e cooperação entre as culturas e religiões em favor da afirmação de vida no mundo. No campo católico, o Concílio Vaticano II (1962-1965) teve uma importância decisiva nessa abertura dialogal, a começar pelo reconhecimento da dignidade inviolável da consciência de cada pessoa e do direito à liberdade religiosa. A liberdade constitui "a mais nobre prerrogativa da pessoa humana". A carência dessa consciência impede toda e qualquer dinâmica dialogal, pois o diálogo implica necessariamente o reconhecimento da reciprocidade em todos os níveis.

Essa nova sensibilidade de comunhão inter-religiosa vem hoje expressa de formas diversificadas: alguns falam em ecumenismo planetário, outros em ecumenismo mais ecumênico. Na América Latina, a expressão que ganhou cidadania foi o macroecumenismo. Trata-se de uma palavra nova que busca expressar esse novo momento da comunidade humana: uma nova realidade e uma nova consciência da unidade dos povos de Deus. A consciência de que o ecumenismo verdadeiro pressupõe uma mais larga capacidade de acolhida, bem como de percepção da presença viva do Deus sempre maior, pai e mãe de todos os povos e que a todos supera. Implica ainda a consciência de que esse Deus da vida tem um sonho, coincidente com os sonhos mais profundos de todos os povos: um sonho de Vida, de Justiça, Paz e Liberdade. Praticar o macroecumenismo é buscar traduzir esse sonho na história, em comunhão solidária com os outros<sup>3</sup>.

## 2. O significado do diálogo inter-religioso

O diálogo traduz sempre uma experiência humana fundamental, uma vez que o ser humano se afirma como tal na relação com um tu. O diálogo inter-religioso constitui um dos âmbitos de realização do diálogo, envolvendo como traço de sua peculiaridade a relação entre indivíduos e comunidades de tradições religiosas distintas. Ele diz respeito ao "conjunto de relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento"<sup>4</sup>. O diálogo inter-religioso implica sempre atenção, respeito e acolhimento do universo da alteridade. Ele só se realiza quando se garante o espaço de expressão da singularidade do outro e o direito inalienável de preservação de suas convicções pessoais.

No profundo respeito à singularidade de cada interlocutor, esse diálogo possibilita uma comunicação e um compartilhar de vida, de experiência e de fé. No comum empenho de conhecimento e abertura busca-se junto captar o trabalho e a presença alvissareira do Espírito ou do Mistério transcendente entre eles. O diálogo inter-religioso é sobretudo um "ato espiritual", cujo motor essencial é o amor. Não é capaz de cumprir essa jornada espiritual senão aquele que se encontra aberto e sensível à linguagem do Espírito, que não impõe resistência ao seu sopro de gratuidade. Trata-se de uma "viagem comum", fraterna, sempre em companhia do Espírito. Reduzi-lo a mera estratégia ou plataforma para a conversão é deixar de compreendê-lo no que tem de mais profundo e essencial. Os outros com os quais se dialoga deixam de ser estrangeiros ou estranhos, e passam a ser os "nossos amigos", como gostam de afirmar os bispos asiáticos. No diálogo navega-se na certeza da universalidade da graça, na dinâmica do mistério do Deus que se dá, do Deus que vem, do Deus que é surpresa permanente, e sobre o qual não se pode exercer nenhum controle<sup>5</sup>.

O diálogo inter-religioso acontece em vários níveis, e envolve tanto indivíduos como comunidades: é diálogo de vida, de colaboração em projetos comuns, de partilha teológica e comunhão espiritual. Mas é antes de tudo um estilo de ação, uma atitude e um espírito que anima e move o comportamento. Um espírito que deve envolver toda a missão cristã em todas as suas dimensões, desde o ato inicial de encontro com o diferente até o serviço mais explícito do anúncio evangelizador<sup>6</sup>.

## 3. O diálogo inter-religioso e a responsabilidade ecoglobal

A paz entre as religiões consiste em requisito essencial para a paz entre as nações. O verdadeiro diálogo não pode ficar confinado à esfera religiosa, mas deve abraçar todas as dimensões da vida e se realizar também com os não-religiosos. Para tanto, deve ser globalmente responsável e não pode admitir a continuidade do arbítrio, da violência e do sofrimento injusto entre os seres humanos. Alimenta-se de um sonho diferente, pontuado pela dinâmica da cooperação, do

entendimento e da paz. Essa dimensão de co-responsabilidade do diálogo tem sido bem enfatizada por muitos teólogos das religiões, entre os quais pode ser mencionado Paul Knitter. Para este autor, as diversas religiões devem assumir a responsabilidade global de defesa do ser humano e da terra. Diante de um mundo atormentado pela fome, pela miséria, pela exclusão e pelo abuso de poder, as religiões são convocadas a romper com a apatia e a assumir uma nova perspectiva: de salvaguarda do humano e de toda a criação. Será uma "causa comum" a motivar o diálogo, esta deve ser a luta comum contra o sofrimento humano e a destruição das águas e da terra<sup>7</sup>.

#### 4. O diálogo inter-religioso na reflexão teológica latino-americana

A emergência de uma nova sensibilidade macroecumênica constitui uma das grandes novidades da reflexão teológica latino-americana nestes últimos anos, em particular a partir da década de 1990. Sem desconsiderar as sementes germinadas na década anterior, é a partir dessa última década que o desafio da acolhida da diversidade ganha espaço na prática eclesial e na sua reflexão articulada. A primeira incidência dessa temática ocorreu a partir dos autores que trabalhavam com a questão indígena e com o tema da inculturação. Autores importantes como Paulo Suess, Diego Irarrazaval, Xavier Albó, Bartolomeu Meliá, entre outros, foram pioneiros na afirmação da singularidade do índio como outro, da especificidade de sua experiência de Deus e da peculiaridade exigida para o tratamento dessa questão na Teologia da Libertação. A nova reflexão ajudou a ampliar a visão da Teologia da Libertação, que em sua fase inicial concentrava-se na questão da classe, do pobre, da luta social e da política. Abre-se, então, espaço para a percepção da especificidade étnica, que não pode ser reduzida à questão da classe social, ou seja, a percepção de outros planos da opressão social<sup>8</sup>. Testemunhando na ocasião sobre a singularidade do novo momento, Xavier Albó sublinhara: "O problema de ajudar os pobres em sua luta para que cheguem a superar a pobreza é algo muito diverso da luta para ajudar o distinto a ser respeitado como distinto. Está havendo hoje um processo de reflexão sobre o que quer dizer este ser distinto"<sup>9</sup>.

Em sintonia com a reflexão sobre a questão indígena, outros teólogos introduziam na reflexão teológica latino-americana a problemática da inculturação. Vale lembrar o papel pioneiro de Marcello Azevedo, que na sua tese de doutorado situou de forma incisiva a importância de uma teologia da inculturação como fator de enriquecimento da práxis eclesial e da reflexão teológica em curso no Continente. A singularidade de sua reflexão foi mostrar a importância da dimensão cultural para a reflexão teológica e a necessidade de conjugação da evangelização da sociedade com a evangelização da cultura<sup>10</sup>.

Na mesma trilha aberta pelos teólogos que trabalhavam a questão indígena e da inculturação, pode ser mencionado também o aporte trazido pelos teólogos e pastoralistas que desenvolveram a problemática da teologia das religiões afro no Brasil. Já no final dos anos 70 e início dos anos 80 despontam os primeiros estudos mais sistemáticos sobre a questão, embora ainda numa perspectiva de teologia do acabamento, que reconhece valores nas tradições afro, mas enquanto prelúdios de um coroamento que se dá no Cristianismo<sup>11</sup>. A ampliação da perspectiva, em linha de maior abertura, ocorrerá com outros autores como François de l'Espinay, Dom José Maria Pires, Antônio Aparecido da Silva, José Geraldo da Rocha, Marcos Rodrigues, Sílvia Regina de Lima e Silva e Heitor Frisotti. O padre François de l'Espinay ocupa um lugar de destaque nessa abertura, inaugurando uma experiência singular de solidariedade integral com os fiéis do candomblé na cidade de Salvador (Bahia)<sup>12</sup>.

Em sua reflexão instaura uma crítica radical ao exclusivismo católico, apontando a riqueza multifacetada da experiência do Deus que fala sob formas muito diversas e se faz presente em

mediações diferentes das que conhecemos. Todos esses autores irão sublinhar com muita ênfase que o verdadeiro diálogo implica a acolhida da alteridade que se manifesta nas religiões afro<sup>13</sup>.

A sensibilidade para a temática do diálogo inter-religioso na teologia latino-americana foi igualmente favorecida pela experiência dos diversos encontros dos teólogos do Terceiro Mundo e o reconhecimento da pluralidade cultural, étnica, racial e religiosa presentes em suas regiões. Nos encontros organizados pela Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), a partir de 1976, vale registrar em particular o aporte trazido pelos teólogos asiáticos com o desafio do diálogo inter-religioso e uma teologia libertadora das religiões, temas há muitos anos sedimentados em suas reflexões e experiências<sup>14</sup>.

É verdade que o campo religioso brasileiro foi sempre um espaço aberto para as experiências inter-relacionais. O modo brasileiro de viver a religião, o influxo do sincretismo e a dinâmica peculiar da compreensão da religião como porta de entrada da consciência favoreceram essa trajetória dialogal. Guimarães Rosa traduziu de forma magistral essa dinâmica em seu romance Grande sertão: veredas: "Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. [...] Tudo me quieta, me suspende qualquer sombrinha me refresca"<sup>15</sup>.

## 5. O diálogo inter-religioso na trajetória das CEB's

Na trajetória das CEB's no Brasil, verifica-se de forma bem nítida esse progressivo processo de abertura ecumênica e inter-religiosa. No início da experiência, nos anos 60 e 70, a temática sociolibertadora ocupava todo o repertório das comunidades. Nessa etapa inicial a sensibilidade para essa temática era bem menos definida. As resistências à temática da religião popular e das festas populares, identificadas muitas vezes como expressões de alienação política, obstruíam um caminho mais promissor de dinâmica dialogal. Mas paulatinamente essa sensibilidade foi se firmando, reforçada pela abertura ecumênica que pontuou a história das comunidades desde os primeiros Intereclesiais nos anos 70.

Os primeiros passos foram acontecendo no campo da ação conjunta em favor da afirmação de vida na história. Falava-se, na ocasião, em ecumenismo que brota das bases. Como sublinha Jether Ramalho, num texto promissor, o compromisso em favor da luta pela justiça coloca em segundo plano as divisões confessionais. Todos vivem a rica experiência de navegar como companheiros de uma mesma viagem fraterna. Essa experiência ecumênica de base talvez tenha sido um dos frutos mais significativos e originais produzidos pela experiência brasileira e uma convocação dialogal para todas as Igrejas do mundo inteiro<sup>16</sup>.

O aprofundamento da experiência ecumênica e dialogal foi sendo reforçado ao longo da experiência das CEBs, ganhando uma expressão mais decisiva no final dos anos 80 e inícios dos anos 90. No VII Encontro Intereclesial de CEBs, ocorrido na cidade de Duque de Caxias (RJ) em 1989, o tema do ecumenismo teve um lugar de destaque. É verdade que essa temática refletia mais um sinal anunciador e antecipador do que uma realidade já tranqüila na caminhada das comunidades. Em todo caso, já significava um avanço. A participação dos evangélicos, indígenas e membros das tradições afro foram ganhando densidade nos Intereclesiais subseqüentes. Com essa presença, reforçava-se a emergência da temática das culturas e da diversidade inter-religiosa. No último Intereclesial, ocorrido na cidade de Ilhéus (BA), em julho de 2000, entre as 3.063 pessoas participantes, estavam 72 evangélicos (dos quais quatro bispos), 65 indígenas, três babalorixás e cinco yalorixás.

As comunidades eclesiais de base, e a novidade de sua experiência de viver o seguimento de Jesus, propiciaram condições para a formação de fiéis sensibilizados na prática do diálogo. E toda essa abertura, enraizada no solo evangélico da fraternidade universal de Jesus. Para os cristãos das comunidades, Jesus revela de forma translúcida uma vida e prática de grande abertura macroecumênica. O sinal mais característico de sua atuação foi a acolhida dada aos diferentes, aos excluídos e marginalizados, especialmente os samaritanos. O grande objetivo de sua missão não foi, em primeiro lugar, difundir uma nova doutrina, mas "testemunhar uma nova maneira de viver e de conviver"<sup>17</sup>. Os cristãos encontram, assim, em Jesus a razão mais fundamental para a sua abertura aos outros. O diálogo brota do coração mais íntimo do Cristianismo. O que há de mais "específico cristão" é o que mais favorece a aproximação ao outro e também o que o outro desde sua alteridade irreduzível mais reivindica hoje dos cristãos.

A experiência do X Encontro Intereclesial de CEBs foi muito importante para se detectar esse novo momento na vida das comunidades. A tônica dialogal, ainda difícil na experiência das bases, veio expressa com todo vigor nos planos simbólico e celebrativo. As grandes celebrações vivenciadas nesse Intereclesial foram marcos singulares de abertura inter-religiosa. A grandeza de seu alcance escapa ainda aos recursos de qualquer investigação teológica. O que ali ocorreu talvez seja a expressão de um sonho futuro de um encontro fraterno, que garante a riqueza e a especificidade de cada experiência singular.

A realidade do ecumenismo e do diálogo inter-religioso está ainda longe de significar uma realidade tranqüila para as comunidades. Inúmeras resistências rondam as práticas comunitárias. Dificuldades de uma conjuntura eclesial católica marcada ainda pela arrogância identitária; dificuldades relacionadas ao acirramento fundamentalista de diversos núcleos pentecostais e carismáticos. Trata-se de problemas reais percebidos pelas comunidades, mas que em momento algum obscurecem o sonho dialogal das comunidades, presente nos compromissos assumidos ao final do encontro. Experiências importantes de comunhão já estão fazendo história, como aquelas vivenciadas nos inúmeros núcleos do CEBs, em torno da Palavra de Deus; ou em experiências de partilha como a ocorrida na Campanha da Fraternidade de 2000. Na carta ao povo das CEBs, apresentada pelos membros das Igrejas não católicas romanas presentes no X Intereclesial, foi mencionado o sentimento de intimidade que congrega os cristãos das diversas denominações nestes 25 anos de Encontros Intereclesiais. As CEBs foram identificadas como o "embrião do novo jeito da Igreja", de uma Igreja una, permeável à singularidade da diversidade, já que afirmadas segundo a imagem da Trindade, que é gratuidade transbordante. Ainda na mesma carta, os evangélicos sinalizaram que, nessa convivência, aprenderam que o ecumenismo implica três dimensões essenciais: em primeiro lugar, envolve conversão do coração, de forma a capacitar a acolhida da diferença; em segundo lugar, implica o acionamento de novas relações entre as pessoas, que mediante a convivência fraterna rompem com preconceitos enraizados e encontram uma renovação de corações e mentes; em terceiro lugar, encoraja ao compromisso de assumir ações em comum na defesa da vida<sup>18</sup>.

## **6. Desafios abertos à comunidade teológica**

O diálogo inter-religioso tem provocado de forma decisiva a reflexão teológica nestes últimos anos. Os grandes tratados de Teologia são desafiados pela nova dinâmica teórico-prática que acompanha esse novo momento, em particular o desafio do pluralismo religioso.

### **a) O desafio do reconhecimento do valor irreduzível e irrevogável das outras tradições religiosas**

Um dos tópicos mais salientados na atual reflexão da teologia das religiões, favorecido pelas experiências concretas de diálogo inter-religioso, refere-se ao reconhecimento do valor da alteridade. Trata-se de uma das condições mais fundamentais para o exercício do diálogo: o respeito pelo que há de irreduzível e irrevogável nas outras tradições religiosas<sup>19</sup>, de algo que jamais será tematizado ou totalizado no Cristianismo. As outras tradições religiosas são portadoras de um verdadeiro "patrimônio espiritual", não podendo ser reduzidas a experiências "naturais" ou esforços simplesmente humanos. Elas são portadoras de dons singulares da sabedoria que o Deus multiforme "escondeu na criação e na história"<sup>20</sup>.

O teólogo Paul Knitter, em sua reflexão sobre o tema, sublinhou que "quanto mais se tenta penetrar no mundo de uma outra tradição religiosa, mediante encontros pessoais e o estudo dos textos, tanto mais se depara com um muro de diferenças que são, no final, incompreensíveis"<sup>21</sup>. Trata-se da percepção do outro como *mysterium tremendum*, que jamais pode ser complementado ou reduzido em seu significado único. Mas também de um mistério que convida ao encontro e que convoca ao aprendizado da diferença: um *mysterium fascinosum*.

É verdade, porém, que essa abertura ao reconhecimento do valor da alteridade não apaga a importância do discernimento crítico. Não se deve desconhecer a existência de aspectos desumanizantes que podem estar presentes nas práticas religiosas. O diálogo inter-religioso requer igualmente esse discernimento: "Afirmar que as outras tradições religiosas contêm elementos da graça não significa, por outro lado, que tudo, nelas, seja fruto da graça. [...] Uma aproximação aberta e positiva às outras tradições religiosas não autoriza, portanto, a fechar os olhos perante as contradições que possam existir entre elas e a revelação cristã"<sup>22</sup>.

### **b) O desafio de uma nova configuração histórica do Cristianismo**

As experiências de diálogo inter-religioso e de vivência inculturada da fé que envolvem o Cristianismo hoje estão apontando para o nascimento de uma nova perspectiva para o Cristianismo. Algo de novo está irrompendo a partir dessas experiências inovadoras: um reencontro criador, que possibilita a emergência de virtualidades inéditas para o Cristianismo. O encontro com o outro possibilita o reconhecimento de um potencial revelacional específico, que certamente vem enriquecer o patrimônio cristão e desvendar dimensões inéditas do mistério do Deus sempre maior. Se as outras tradições religiosas estão animadas por um potencial revelacional, nelas se vive uma autêntica experiência de Deus, e não apenas um "anseio" ou busca de Deus às apalpadelas.

### **c) O desafio do reconhecimento de um pluralismo de princípio**

O próprio Concílio Vaticano II reconheceu no Decreto sobre o ecumenismo (*Unitatis redintegratio*), ao falar sobre a índole própria da teologia dos orientais, a singularidade de métodos e modos diferentes para conhecer e exprimir os mistérios divinos. O documento sublinha que "alguns aspectos do mistério revelado" podem ser "captados mais congruamente e postos em melhor luz por um que por outro" (UR, n. 17). Nesse sentido, pode-se afirmar que a plenitude do mistério de Deus não se esgota numa experiência revelacional particular. A revelação cristã pode, assim, ser enriquecida pelas experiências reveladoras suscitadas pela práxis e pelas atitudes religiosas fundamentais presentes nas tradições religiosas de "nossos amigos".

Estas reflexões favorecem a tomada de tons, ciência da presença de um pluralismo de princípio ou de direito. Um pluralismo que vem reconhecido como uma riqueza: um sinal da livre criatividade de Deus; como algo querido por Deus e parte de seu desígnio misterioso. Tal consciência implica saber acolher a contingência e estar disponível ao enriquecimento

permanente dos dons oferecidos por Deus mediante a experiência dos outros. A Igreja vem convocada a valorizar "todas as riquezas da sabedoria infinita e multiforme de Deus"<sup>23</sup>.

#### **d) O desafio da abertura a um novo sentido da missão**

Na lógica do diálogo inter-religioso, a missão não perde sua razão de ser, mas vem compreendida numa nova perspectiva. O sentido da missão vem enriquecido pelo sentido amplo de evangelização, que não pode se restringir a uma de suas dimensões, a do anúncio. Evangelizar, como sublinha a *Evangelii nuntiandi*, de Paulo VI, é "tornar nova a própria humanidade"<sup>24</sup>.

Essa compreensão mais abrangente da evangelização repercute no modo de compreender a missão, agora entendida como o trabalho de afirmação do Reino de Deus na história, de manifestação da riqueza e radicalidade do amor de Deus para os seres humanos. Trata-se de um convite, direcionado a todos, no sentido da partilha de comunhão no futuro de Deus, de difusão de um novo alento vital. Conforme o teólogo Jürgen Moltmann, a missão não pode se confundir com a difusão do império cristão ou a dilatação das Igrejas cristãs, mas o trabalho de favorecimento da "nova criação de todas as coisas", o convite para aceitar a vida, para afirmá-la, defendê-la, em comunhão com os outros, contra todas as "tecnologias" de morte que a impedem de brilhar no espaço da criação<sup>25</sup>. A identidade cristã não fica aqui comprometida, mas revitalizada. Se os cristãos estão animados pela presença fraterna e universal de Jesus e de seu sonho; se vivem essa realidade como uma experiência de amor, é natural que queiram partilhar com os outros esse sonho. A missão consiste em compartilhar com os outros a alegria de conhecer e seguir Jesus Cristo. Antes de mais nada, significa o resultado de uma experiência de amor, e não simplesmente de um mandado<sup>26</sup>. O desafio está em proclamar Jesus, sem que isso signifique desconhecer ou relativizar as experiências religiosas partilhadas por "nossos amigos" em suas tradições singulares. Não se quer negar a prioridade do anúncio, que é permanente, mas reconhecer que ele tem uma prioridade lógica e ideal, e não necessariamente temporal. Em muitos casos, como o próprio papa João Paulo II sublinhou, o diálogo constitui "a única maneira de prestar um sincero testemunho de Cristo e um generoso serviço ao homem"<sup>27</sup>.

Texto Extraído do Livro

*"Sarça Ardente: Teologia na América Latina: Prospectivas"*

Luiz Carlos Susin (organizador). – São Paulo: Paulinas, 2000. Pp.415-434